

# Adaptação em quadrinhos e sua autonomia em relação ao discurso literário



Prof. Dra. Fernanda Isabel Bitazi  
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo demonstrar, a partir da ideia central de que qualquer adaptação é um produto cultural tão autônomo e criativo quanto seu hipotexto, que as adaptações em quadrinhos recriam a forma e o conteúdo de seu texto-base literário por meio de seus próprios recursos sintáticos, fato este primordial para justificar a inviabilidade de uma hierarquia entre as artes regida pelos valores de inferioridade e superioridade estética. Para tanto, a adaptação quadrinizada “A menina dos fósforos”, produzida pelo quadrinista brasileiro Fabiano Barroso, será analisada em comparação a seu hipotexto, o conto “A menininha dos fósforos”, do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen.

**Palavras-chave:** adaptação; linguagem autônoma; quadrinhos; recriação.

**Abstract:** This paper aims at demonstrating, based on the central idea that every adaptation is a cultural product as autonomous and creative as its hypotext, that comics adaptations recreate the form and the content of its literary base-text through their own syntactic resources. Such fact is essential to justify the infeasibility of creating a hierarchy of arts based on aesthetic inferiority and superiority. Thus, the comics adaptation “The Match Girl”, made by Brazilian comics artist Fabiano Barroso, will be analyzed in comparison with its hypotext, the short story “The Little Match Girl”, by Danish writer Hans Christian Andersen.

**Keywords:** adaptation; autonomous discourse; comics; recreation.

## 1. Introdução

Na primeira página de sua obra *Uma teoria da adaptação*, Linda Hutcheon faz a seguinte afirmação acerca deste processo específico de retomada do discurso alheio que é a adaptação: “Seja na forma de um jogo de videogame ou de um musical, qualquer adaptação está fadada a ser considerada menor e subsidiária, jamais tão boa quanto o ‘original’” (HUTCHEON, 2011, p. 11). Essa hierarquia estabelecida

em relação ao texto-base é a maior responsável pelo enquadramento da adaptação na categoria de obras de “segunda classe” (HUTCHEON, 2011, p. 235). Aliás, seguindo ainda essa linha hierárquica, é possível deduzir das ponderações de Hutcheon que existem, inclusive, adaptações de “terceira classe”: “[...] parece que adaptar *Romeu e Julieta* para uma forma de arte elevada, como a ópera ou o balé, é algo mais ou menos aceitável,

ao passo que adaptar a peça para um filme [...] não o é” (HUTCHEON, 2011, p. 23).

Se, no exemplo mencionado, é grande a possibilidade de a adaptação de Shakespeare para a sintaxe das películas ser considerada uma transposição de “terceira classe”, disseminando aquilo que a crítica tradicional à adaptação fílmica de romances encara como um desserviço à literatura (STAM, 2008, p. 19-20), muito provavelmente as adaptações literárias para os quadrinhos serão enquadradas na categoria de obras de “quarta classe” (ou de “quinta categoria”, uma vez que não se utiliza a expressão “quarta classe” para se estabelecer um juízo de valor no interior de uma hierarquia). Isso porque os quadrinhos foram, por muito tempo, considerados (e podemos dizer que ainda seguem sendo) pelas “ditas elites ‘pensantes’” obras que afastavam “as crianças de ‘objetivos mais nobres’ – como o conhecimento do ‘mundo dos livros’ e o estudo de ‘assuntos sérios’” (VERGUEIRO, 2004, p. 16). Como consequência dessa perspectiva, é muito comum que as adaptações quadrinizadas de textos literários sejam encaradas como produções que deturpam o sagrado universo literário, sobretudo se o diálogo for estabelecido com os clássicos. Linda Hutcheon, inclusive, afirma que “por muito tempo, a ‘crítica da fidelidade’, como ficou conhecida, foi a ortodoxia analítica dos estudos de adaptação, especialmente quando estes lidavam com obras canônicas como Pushkin ou Dante” (HUTCHEON, 2011, p. 28).

Tal ortodoxia consistia, por meio dos critérios de proximidade e fidelidade, em estabelecer o valor entre as adaptações, ou mais especificamente, em avaliar se uma adaptação era “menos pior” do que a outra – e nunca uma melhor do que a outra – na medida em que uma fosse mais ou menos fiel ao texto adaptado. É a partir desses controversos critérios de julgamento que propomos os seguintes questionamentos: Uma adaptação só é bem sucedida quanto menos apresentar omissões e/ou alterações

em relação à obra original? A adaptação está destituída de criatividade pelo simples fato de repetir um conteúdo?

Com base nas considerações de alguns importantes nomes da Teoria da Adaptação e do estudo de quadrinhos, tais perguntas serão respondidas visando justamente a constatar que a adaptação é um produto cultural tão autêntico e criativo quanto seu texto-base. Por seu turno, todo o aporte teórico a ser utilizado neste artigo com vistas ao objetivo mencionado será acompanhado da seguinte metodologia: primeiramente, iremos nos ocupar de pontuar quais são os principais elementos constitutivos das adaptações quadrinizadas que as diferenciam das obras literárias clássicas, para, em seguida, comparamos o conto “A menininha dos fósforos”, de Hans Christian Andersen, e “A menina dos fósforos”, adaptação em quadrinhos de Fabiano Barroso; ao final de nossa exposição, iremos corroborar que a criatividade de uma autêntica adaptação quadrinizada advém do fato de seu produtor valer-se dos recursos próprios da sintaxe dessa linguagem para produzir sentidos e posicionamentos ideológicos distintos dos encontrados em seu hipotexto.

## 2. As adequações estéticas nas autênticas adaptações quadrinizadas

Uma das questões que justifica o posicionamento contrário de alguns teóricos da literatura frente às adaptações de qualquer natureza diz respeito a que elas, na sua visão, destroem a trama verbal artística e minuciosamente elaborada do texto literário retomado, privando, dessa maneira, o leitor de ir além da história contada, ou melhor, de apreciar o modo como ela foi contada originalmente<sup>1</sup>. Mas, em vez de destruir, não estariam as adaptações ocupadas de *reelaborar* a forma e o conteúdo do hipotexto literário, sendo justamente esse procedimento o que a torna um produto singular e, por conseguinte, único em relação ao texto-base?

1. De acordo com Umberto Eco, “toda obra se propõe pelo menos dois tipos de leitores. O primeiro é a vítima designada pelas próprias estratégias enunciativas, o segundo é o leitor crítico que ri do modo pelo qual foi levado a ser vítima designada [...] O leitor do segundo nível deve divertir-se não com a história contada, mas com o modo como foi contada” (ECO, 1989, p. 101).

De acordo com Kamilla Elliot, uma das principais “heresias” da adaptação reside em que, contrariando seus detratores, a forma se separa do conteúdo durante o processo de transposição de uma linguagem para outra (ELLIOT, 2003, p. 133). Isso significa que a validade de proclamar a adaptação como uma digna expressão de linguagem está, justamente, em que ela reorganiza um conteúdo já existente mediante *seus próprios meios*. Assim, embora o conteúdo de uma obra literária decorra, necessariamente, de uma forma particular, não podendo dela se separar, nada impede que, *durante o processo adaptativo*, a forma desse hipotexto se separe do conteúdo para receber uma outra roupagem no novo meio para o qual foi transposto. Portanto, se a “forma muda com a adaptação [...] [mas] o conteúdo persiste” (HUTCHEON, 2011, p. 32), “a fidelidade ao original deixa de ser o critério maior de juízo crítico, valendo mais a apreciação do filme como *nova experiência que deve ter sua forma, e os sentidos nela implicados, julgados em seu próprio direito*” (XAVIER, 2003, p. 62, grifos nossos).

Se as adaptações fílmicas possuem sua própria forma, devendo por essa razão ser avaliadas por “seu próprio direito”, também as adaptações quadrinizadas, como linguagem distinta das linguagens literária e cinematográfica, devem ser julgadas tendo em vista o fato de elas serem “um meio de expressão que tem um fim em si” (QUELLA-GUYOT, 1994, p. 94). No entanto, é preciso esclarecer que, durante a transposição do texto literário para a linguagem quadrinizada, há adaptações que mantêm praticamente intactos longos trechos do hipotexto. Sobre esse excessivo respeito à linguagem literária, Waldomiro Vergueiro afirma, em entrevista concedida a Rachel Bonino, que “[...] as boas adaptações – e mesmo as HQ’s originais – precisam respeitar uma regra simples: serem verdadeiramente histórias em quadrinhos e não um resumo,

ou a transposição integral das obras originais” (BONINO, s/d).

Moacy Cirne, por seu turno, faz a seguinte indagação acerca desse tipo de produção: “Quantos e quantos romances adaptados não passam de simples ‘histórias ilustradas?’” (CIRNE, 2000, p. 184). O teórico afirma, ainda, que “os quadrinhos não são apenas para serem lidos; são também para serem vistos. Em muitas séries, são sobretudo para serem vistos” (CIRNE, 2000, p. 175-176, grifos do autor).

Como a mera “colagem” de longos trechos verbais do hipotexto literário descaracteriza a adaptação quadrinizada enquanto “texto quadrinhístico [...], com sua grafia própria, com seu ritmo próprio, com sua especificidade própria” (CIRNE, 2000, p. 176), a autêntica adaptação concerne à obra que pode ser fruída a partir de *seus próprios meios de elaboração*, logo, independentemente do vínculo explícito com seu texto-fonte. Assim, a adaptação quadrinizada, mesmo que mantenha parte do texto do hipotexto literário, deve fazê-lo de modo que sua edição não torne secundário um aspecto fundamental dos quadrinhos: sua visualidade. Acerca da importância desse elemento constitutivo dos quadrinhos, Thierry Groensteen afirma que, nos quadrinhos esteticamente bem elaborados, o elemento verbal não é necessariamente imprescindível para a inteligibilidade de uma produção em quadrinhos (GROENSTEEN, 2004, p. 43-44). Por seu turno, Will Eisner considera que o fato de os quadrinhos serem um veículo principalmente visual, bem como a atenção inicial do leitor ser dominada pela arte, são responsáveis pelo artista concentrar suas habilidades em recursos gráficos que têm como propósito deslumbrar o olhar (EISNER, 2001, p. 123).

A fim de que todas essas premissas a respeito da autenticidade e da criatividade da adaptação quadrinizada frente à obra por ela retomada possam ser melhor compreendidas, convém realizarmos

uma breve análise de uma autêntica adaptação em quadrinhos em comparação a seu hipotexto. Antes, porém, do início de tal análise, é importante ressaltar que privilegiamos a relação entre adaptação e um texto da literatura – mais especificamente, como se verá, um texto clássico literário do universo infanto-juvenil –, justamente devido ao status de monumento intocável de que comumente o discurso literário goza. Para Robert Stam, um dos motivos que explica a suposta superioridade das obras literárias frente às adaptações que com elas dialogam está em que estas são frequentemente associadas à ideia de profanação, que sugere uma espécie de sacrilégio com relação à “palavra sagrada” (STAM, 2000, p. 54).

### 3. Fé e realidade em “A menina dos fósforos”, de Andersen, e “A menina dos fósforos”, de Fabiano Barroso

Na edição nº 15 da revista *Graffiti* 76% *quadrinhos*, foi publicada uma adaptação quadrinizada do conto “A menina dos fósforos”<sup>2</sup>, do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen. Tal adaptação, intitulada “A menina dos fósforos”, foi produzida por Fabiano Barroso, quadrinista brasileiro e editor responsável, de 1995 a 2012, da referida revista. Além dessa adaptação, Barroso também produziu e publicou, na edição nº 22 da *Graffiti*, “Brincadeira”, releitura quadrinizada do conto de mesmo título do escritor russo Anton Tchekhov. Nessas duas adaptações, Fabiano optou por reelaborar, mediante cortes, o conteúdo escrito de ambos os clássicos a partir de obras traduzidas<sup>3</sup> para o português que ele julgou como as mais adequadas para seu trabalho, e o fez de maneira que as adaptações não fossem carregadas de longos trechos verbais e tivessem assegurada a visualidade como aspecto fundamental na produção de sentidos. Isso significa que, mesmo sendo enquadradas na categoria de adaptação, cuja finalidade é representar outra obra preexistente de

modo a manter, apesar dos acréscimos e omissões, o que por ela é contado (ZENI, 2009, p. 129-130), essas duas releituras quadrinizadas são autênticas e criativas frente a seus hipotextos. Vejamos, aliás, como essa questão foi tratada no processo de reelaboração estética que Fabiano Barroso efetuou da transposição de “A menina dos fósforos” para a linguagem dos quadrinhos.

Ao lermos “A menina dos fósforos”, é possível perceber que o quadrinista brasileiro manteve o enredo do conto andersiano, apesar de reapresentá-lo ao leitor por meio de um outro gênero discursivo, a HQ. A propósito, o enredo de tal conto e, por extensão, da adaptação pode ser resumido da seguinte maneira: Na noite de Ano Novo, uma menina pobre vaga pelas ruas, enfrentando o inverno glacial para vender fósforos e, assim, conseguir algum dinheiro. Contudo, ninguém os compra, restando-lhe recostar-se em um canto qualquer, para proteger-se do frio e esquecer a fome. Nesse momento de recolhimento, ela resolve acender seus fósforos, cujas chamas lhes proporcionam, em um primeiro momento, boas e belas visões fantasiosas, que, todavia, acabam se dissipando quando os fósforos se apagam por completo. O clímax da narrativa ocorre quando, mediante a chama do último fósforo, a menina reencontra sua falecida avó, que a toma pelos braços, levando-a para o céu. Após esse último devaneio, mais precisamente na manhã do primeiro dia do Ano Novo, ela é encontrada morta de frio e de fome pelas pessoas que por ali caminhavam.

Além do enredo, também notamos que o discurso ideológico subjacente a ambas as obras é, *praticamente*, o mesmo. Valemo-nos da expressão “praticamente”, porque a adaptação retoma do hipotexto a crença incondicional na fé cristã, mas o faz de modo muito mais atenuado. Para uma melhor compreensão do que acabamos de afirmar, convém lançar mão de uma importante informação sobre o universo

2. Tomamos esse título da tradução em português realizada por Silva Duarte (ANDERSEN, 2011, p. 276-278), para tornar mais clara, ao longo deste artigo, as referências feitas ao texto-base de Andersen e à adaptação quadrinizada de Barroso, cujo título “A menina dos fósforos” é o mesmo da tradução em português feita por Pepita de Leão (ANDERSEN, 1959, p. 267-274).

3. A quadrinização de “A menina dos fósforos” foi realizada a partir da edição da tradução em português feita por Pepita de Leão (ANDERSEN, 1959, p. 267-274).

literário de Andersen:

Embora entre suas histórias haja muitas que se desenrolam no mundo fantástico da imaginação, a maioria está presa ao cotidiano. Vivendo em uma época em que a ascensão econômica se fazia através da expansão industrial e da nova classe, a dos operários, que então se formava, Andersen teve uma boa oportunidade de conhecer os contrastes da abundância organizada ao lado da miséria sem horizontes. Ele mesmo pertenceu a essa faixa social – a da pobreza organizada em sistema.

Suas histórias mostram que sua principal reação a essa situação de fato foi mais de resignação e de refúgio na fé religiosa do que de revolta contra as injustiças sociais. Como o verdadeiro cristão vê esta vida como o “vale de lágrimas” que ele deve atravessar antes de ir para o céu, também suas personagens mostram-se perfeitamente resignadas com as “provas” que a vida lhes impõe (COELHO, 2010, p. 159).

Realmente, em “A menina dos fósforos”, o leitor depara-se, sempre mediante o discurso do narrador, com um fato bastante cotidiano: a miséria dos desvalidos, representada, no conto, pelo absoluto estado de miséria da protagonista. É, aliás, logo no início da narrativa que se vislumbra o sofrimento padecido pela garotinha:

Era véspera do Ano Bom. Fazia um frio intenso; já estava escurecendo e caía neve. Mas a despeito de todo o frio, e da neve, [...] uma menina, descalça e de cabeça descoberta, vagava pelas ruas. [...]

Assim, morta de fome e frio, ia se arrastando penosamente, vencida

pelo cansaço e o desânimo – a estátua viva da miséria (ANDERSEN, 1959, p. 267, grifos nossos).

Esse sofrimento é constantemente reiterado ao longo de praticamente toda a história até ser amenizado, em seu desfecho, pela resignação e pelo refúgio cristãos de que fala a crítica literária Nelly Novaes Coelho acerca da produção literária do autor dinamarquês. Tal atenuação ocorre, mais precisamente, no instante em que a garotinha se depara com a imagem de sua já falecida avó, após várias tentativas frustradas de escapar da tristeza pela imaginação e devaneio instigados pelas chamas dos vários fósforos acendidos:

E a coitadinha pôs-se a riscar na parede todos os fósforos da caixa, para que a avó não se desvanecesse. E eles ardiam com tamanho brilho, que parecia dia, e nunca ela vira a vovó tão alta, nem tão bela! *E ela tomou a neta nos braços, e voaram ambas, em um halo de luz e de alegria, mais alto, e mais alto, e mais longe... longe da terra, para um lugar lá em cima onde não há mais frio, nem fome, nem sede, nem dor, nem medo, porque elas estavam agora com Deus.*

A luz fria da madrugada achou a menina sentada no canto, entre as casas, *com as faces coradas e um sorriso de beatitude.* Morta. Morta de frio, na última noite do ano velho.

A luz do Ano Bom iluminou o pequenino corpo, ainda sentado no canto, com a mão cheia de fósforos queimados.

— Sem dúvida ela quis aquecer-se – diziam.

*Mas... ninguém soube das lindas visões, que visões maravilhosas lhe povoaram os últimos momentos, nem em que halo tinha entrado*

com a avó nas glórias do Ano Novo (ANDERSEN, 1959, p. 274, grifos nossos).

Como se pode notar, em vez de valer-se de um discurso inflamado para denunciar o absoluto estado de miséria e solidão vivenciado pela garotinha, o narrador sugere que o caminho para libertar-se do sofrimento é deixar tudo a cargo da vontade divina, o que acaba confirmando “a crença de Andersen em que a plena realização humana só se dá na morte” (DUARTE, 2011, p. 261). E, de fato, a adversidade experienciada pela menina em vida só é superada quando ela, finalmente, vai viver junto de sua avó, na morada eterna e divina, “onde

não há mais frio, nem fome, nem sede, nem dor, nem medo”. Trata-se, de certa maneira, de um final feliz, pois, a despeito de terem se apiedado da protagonista, os transeuntes não notaram “suas faces coradas” e seu “sorriso de beatitude”, nem tomaram conhecimento das “visões maravilhosas [que] lhe povoaram os últimos momentos”.

Já em “A menina dos fósforos”, de Fabiano Barroso, também encontramos essa resignação e refúgio na fé cristã, mas isso se dá de maneira muito mais diluída, o que, inversamente ao que ocorre no conto de Andersen, acaba por tornar mais evidente o padecimento terreno:

Nesta última página que compõe a adaptação, mais precisamente nos três



Figura 1 - Última página da adaptação “A menina dos fósforos”, de Fabiano Barroso (BARROSO, 2006, p. 58).

primeiros requadros, Fabiano Barroso retoma do conto do escritor dinamarquês a crença cristã de que a morte é a resolução para os conflitos terrenos, tanto que, pelo discurso do narrador, fica sugerido que a Terra é o lugar da tristeza e das provações, ao passo que o céu é o lugar da felicidade, das realizações. Imagetivamente, essa sugestão é inferida, por um lado, do fato de a menina ser demonstrada com um sorriso estampado no rosto e ser carregada pela avó rumo à morada divina. Por outro, a felicidade como decorrência da morte advém do uso, no terceiro requadro, do ângulo de visão superior, em que o “leitor observa a ação de cima para baixo” (SILVA; DUARTE, 2011, p. 93): ele pode identificar-se com a visão da garotinha e da avó e, por extensão, experimentar a sensação de estar longe das agruras terrenas.

Todavia, essa ideia de que a morte acabou sendo a melhor solução para os problemas da menina acaba cedendo espaço à ênfase dada à realidade cotidiana vivenciada pela protagonista, realidade marcada pela impossibilidade de fugir, em vida, da miséria. Isso pode ser compreendido do modo como palavras e imagens se relacionam nos dois últimos requadros da página: neles, notamos que os desenhos não funcionam como uma mera ilustração do discurso pronunciado pelo narrador, uma vez que os desenhos não transmitem, “literalmente”, a mesma mensagem de seu discurso. Assim sendo, não visualizamos o corpo da menina já morta e castigada pela fome e pelo frio conforme a descrição feita pelo narrador: o que vemos, no penúltimo e último requadros são, respectivamente, a imagem de um fósforo queimado e a imagem dos transeuntes, olhando para baixo e lamentando a morte da garotinha.

Quanto ao penúltimo requadro e considerando o que Eisner diz acerca de que, “nos quadrinhos, assim como acontecem nos filmes, objetos simbólicos não narram apenas, mas ampliam a

reação emocional do leitor” (EISNER, 2013, p. 26), podemos associar a imagem de um fósforo queimado à brevidade da vida dos seres humanos, sobretudo a dos desvalidos, que estão sujeitos a todo tipo de intempérie. Acreditamos que, caso a combinação entre palavras e imagens, nesse requadro, fosse “literalmente” representativa em vez de simbólica – ou melhor, caso o discurso do narrador fosse ilustrado pela imagem do corpo da garotinha –, a reação emocional do leitor seria tão-somente, e não necessariamente ampliada.

Já quanto ao último requadro, o fato de essa combinação entre imagem e palavra não ser “literal” permite ao leitor partilhar do pesar dos transeuntes, o que é ainda mais reforçado pelo uso do ângulo de visão médio, que indica que “o leitor observa a cena como se estivesse à altura de seus olhos” (SILVA; DUARTE, 2011, p. 91): ao posicionar-se como observador, o leitor está de fora da cena, podendo avaliar a situação de forma mais objetiva, logo, de modo menos subjetivo. No caso dessa cena em que a imagem dos transeuntes aparece no lugar da imagem do corpo da protagonista, lamentando sua morte, a ênfase é dada ao fato de a garotinha só ter sido notada depois de morta, quando nada mais, portanto, poderia ser feito para amenizar sua dor. Ironicamente, antes de sua ida aos céus, quando tentava vender fósforos na última noite do Ano Velho, a menina “não se animava a voltar para casa, porque não tinha vendido uma única caixinha de fósforos, e não ganhara um vintém” (ANDERSEN, 1959, p. 267). Sua morte parece ter sido necessária para sua miserabilidade ser notada.

Além de os desenhos não transmitirem a mesma mensagem veiculada pelas palavras do narrador, um outro recurso próprio dos quadrinhos que contribuiu para realçar o sofrimento terreno vivenciado pela protagonista na adaptação concerne à maneira como

Fabiano Barroso editou o texto de Andersen. Segundo o que já pontuamos, essa edição consistiu na omissão de alguns trechos do hipotexto de modo a que o discurso verbal não sobrepujasse a importância imagética da adaptação quadrinizada. Por meio do quadro comparativo abaixo, é possível saber o que, do conto do escritor dinamarquês, foi mantido e omitido na adaptação:

Quadro I: Edição sofrida pelo texto de Andersen ao ser transposto para a adaptação quadrinizada de Fabiano Barroso

| <p><b>TEXTO VERBAL DE<br/>"A MENININHA DOS FÓSFOROS",<br/>DE ANDERSEN</b></p>   | <p><b>TEXTO VERBAL DE<br/>"A MENINA DOS FÓSFOROS", DE<br/>BARROSO</b></p>   |
|---|---|
| <p>"A luz fria da madrugada achou a menina sentada no canto, entre as casas, <i>com as faces coradas e um sorriso de beatitude</i>. Morta. Morta de frio, na última noite do ano velho. A luz do Ano Bom iluminou o pequenino corpo, ainda sentado no canto, com a mão cheia de fósforos queimados.<br/>— Sem dúvida ela quis aquecer-se – diziam. <i>Mas... ninguém soube das lindas visões, que visões maravilhosas lhe povoaram os últimos momentos, nem em que halo tinha entrado com a avó nas glórias do Ano Novo</i>" (ANDERSEN, 1959, p. 274, grifos nossos).</p> | <p>PENÚLTIMO REQUADRO [discurso do narrador]</p> <p>"A luz do Ano Bom iluminou o pequenino corpo, ainda sentado no canto, com a mão cheia de fósforos queimados" (BARROSO, 2006, p. 58).</p> <p>ÚLTIMO REQUADRO [discursos do narrador e das personagens]</p> <p>"Morta. Morta de frio, na última noite do ano velho" (BARROSO, 2006, p. 58).</p> <p>"Sem dúvida ela quis aquecer-se" (BARROSO, 2006, p. 58).</p> |

A eliminação, no texto verbal da adaptação, dos trechos em itálico que aparecem no conto de Andersen acaba por fazer sobressair, quanto ao conforto proporcionado pela paz eterna, tanto a miserabilidade da garota, como o reconhecimento, pelos transeuntes, dessa sua condição. Essa edição no texto verbal associada à combinação não "literal" entre imagens e palavras nos leva a deduzir, portanto, que "A menina de fósforos" institui um contraponto entre a crença cristã de que a morte é a libertação definitiva dos indivíduos frente às agruras do mundo material e a ideia de que a morte é consequência de uma adversidade perversamente imposta aos desamparados por esse mesmo mundo.

#### 4. Considerações finais

Como pudemos verificar com a análise comparativa entre o conto "A

menininha dos fósforos" e sua transposição para os quadrinhos, não nos parece correto avaliar sua qualidade meramente pela quantidade de omissões ou acréscimos processados em relação a seu texto-base, uma vez que essas alterações implicam em efeitos de sentidos e posicionamentos ideológicos distintos de um texto para outro. Além disso, visto a adaptação ser um processo pelo qual as histórias são "recontadas de diferentes maneiras, através de novos materiais e diversos espaços culturais" (HUTCHEON, 2011, p. 59), a adaptação de Fabiano Barroso, produzida no formato de HQ, reinterpreta, de um modo criativo para o leitor do século XXI, um texto escrito em 1845. Essa criatividade, aliás, advém, justamente, de o quadrinista brasileiro ter conseguido realizar, por meio de recursos próprios da sintaxe dos quadrinhos, as alterações necessárias tanto para a produção de

sentidos e de posicionamentos ideológicos que não estavam antes no texto original, como para a *ampliação*, em um contexto sócio-cultural distinto do de Andersen, dos sentidos e dos posicionamentos ideológicos que já lá se encontravam.

No caso da adaptação processada por Fabiano do conto andersiano, não sabemos, realmente, o motivo que o impeliu a retomar o texto clássico. Não sabemos, aliás, sequer se nossa interpretação aqui esmiuçada como decorrência da leitura comparativa entre as narrativas mencionadas corresponde ao que poderiam ser as reais intenções do quadrinista brasileiro. E talvez a interpretação dos leitores seja um fator a mais na compreensão de que as adaptações, inclusive “as produções em quadrinhos baseadas em obras literárias, devem ser avaliadas como *arte autônoma*, e não à sombra da produção original” (ZENI, 2009, p. 127, grifo nosso). Mas essa importância da capacidade interpretativa do leitor no processo criativo das adaptações – e no de qualquer outro produto cultural – deve ser tratada em um outro estudo. Por ora e para finalizar nossas ponderações, importa o fato de que são as intenções do adaptador que determinam o novo rearranjo que o texto original sofre no texto adaptado: é esse novo rearranjo que faz da adaptação “uma segunda obra que não é secundária” (HUTCHEON, 2011, p. 30).

#### Referências Bibliográficas:

ANDERSEN, H. C. A menina dos fósforos. In: ANDERSEN, H.C. Contos de Andersen, II: a Rainha da Neve. Trad. Pepita de Leão. Porto Alegre: Globo, 1959. p. 267-274.

ANDERSEN, H. C. A menininha dos fósforos. In: ANDERSEN, H. C. Contos de Hans Christian Andersen. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 276-278.

BARROSO, F. A menina dos fósforos. Graffiti 76% quadrinhos. Belo Horizonte, n. 15, p. 52-58, 2006.

BONINO, Rachel. Onomatopeia, imagem

e ação. Revista Educação, s/d. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/formacao-docente/144/artigo234570-1.asp>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

CIRNE, M. Quadrinhos, sedução e paixão. Petrópolis: Vozes, 2000.

COELHO, N. N. Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. 5. ed. rev. ampl. Barueri: Amarelly, 2010.

DUARTE, S. Os sapatos vermelhos. In: ANDERSEN, H. C. Contos de Hans Christian Andersen. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 255-261.

ECO, U. O texto, o prazer, o consumo. In: ECO, U. Sobre os espelhos e outros ensaios. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p.100-109.

EISNER, W. Quadrinhos e arte sequencial. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

EISNER, W. Narrativas gráficas: princípios e práticas da lenda dos quadrinhos. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Devir, 2013.

ELLIOT, K. Rethinking the novel/film debate. Nova Iorque: Cambridge, 2003.

GROENSTEEN, T. História em quadrinhos: essa desconhecida arte popular. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2004.

HUTCHEON, L. Uma teoria da adaptação. Santa Catarina: UFSC, 2011.

MAINGUENEAU, D. Termos-chave da Análise do Discurso. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

QUELLA-GUYOT, D. A história em quadrinhos. São Paulo: Unimarco, Loyola, 1994.

SILVA, E. P. da; DUARTE, M. C. Elementos básicos da linguagem das histórias em quadrinhos. In: NETO, E. dos S.; SILVA, M. R. P. da (Orgs.). Histórias em quadrinhos e educação: formação e prática docente. São Bernardo do Campo: UMESP, 2011. p. 73-94.

STAM, R. Beyond fidelity: the dialogics of adaptation. In: NAREMORE, James (Org.). Film adaptation. New Jersey: Rutgers University, 2000. p. 54-76.

STAM, R. Introdução. In: STAM, R.

Literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 17-41.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Org.). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2004, p. 7-29.

XAVIER, I. Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema. In: PELEGRINI, T.; JOHNSON, R. et al. Literatura, cinema e televisão. São Paulo: Senac, Instituto Itaú Cultural, 2003. p. 61-89.

ZENI, L. Literatura em quadrinhos. In: VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (Orgs.). Quadrinhos na educação: da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009. p. 127-158.